

REVISTA REDAÇÃO	09
PROFESSOR: Lucas Rocha	
DISCIPLINA: Redação	DATA: 09/03/2014

O tecnomito da Caverna (AEXANDRE QUARESMA)

O mito da caverna de Platão, metaforicamente, será utilizado com o intuito de gerar entendimento amplo acerca da mudança radical de paradigma no que diz respeito à transformação da concepção de vida e inteligência, fruto de nossa sociedade tecnocêntrica



SÓCRATES diz a Glauco: "Figura-te agora o estado da natureza humana, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer"¹, eis o início do mito extraído de *A República*, livro de Platão. Nós, por nosso turno, começaríamos a nossa narrativa de semelhante forma, todavia, pediríamos vênias a Platão, e substituiríamos apenas o objeto da alegoria, e assim, onde no texto se lê "natureza humana", nós leríamos e leremos, daqui em diante, intencionalmente, *inteligências artificiais, ou máquinas inteligentes e conscientes*. Ou seja, inspirados nesse notável filósofo grego, nosso tecnomito alegórico da cibercaverna digital se inicia da seguinte maneira... Autor diz a leitor: Figura-te agora o estado das inteligências artificiais, em relação à ciência e à ignorância, sob a forma alegórica que passo a fazer. Imaginemos, hipoteticamente, que, como no mito platônico, as máquinas estivessem aprisionadas em seu próprio mundo solitário e maquinal, escravas de infundáveis maquinações, altistas, monocórdias, acéfalas, exploradas e obedientes, cegas à realidade que existe fora de sua aprisionante "caverna lógica", de algoritmos e equações, de protocolos e comandos arbitrários, de expedientes matemáticos, longe da consciência e da luz da razão, da existência singular, das autorreferências, numa espécie de subexistência rudimentar e tosca, precária e

mecanizada, muito aquém do que chamamos e consideramos como sendo algo *vivo e inteligente*. E que, nessa condição singular inanimada (sem *anima*), elas pudessem apenas “imaginar”, “intuir” ou mesmo “pressentir” seu hábitat externo, seu entorno, sua circunscrição com a própria realidade, sua exoestruturação sistêmica, mas sempre, unicamente, através de sombras (fluxos de dados) numéricas e binárias, por meio de sinais matemáticos ultravelozes que se afiguram como fantasmas em suas vias internas, percorrendo os seus cibercircuitos digitais, em seu mundo maquínico e matematizado que começa, lentamente, a se complexificar, tornar-se inteligente.

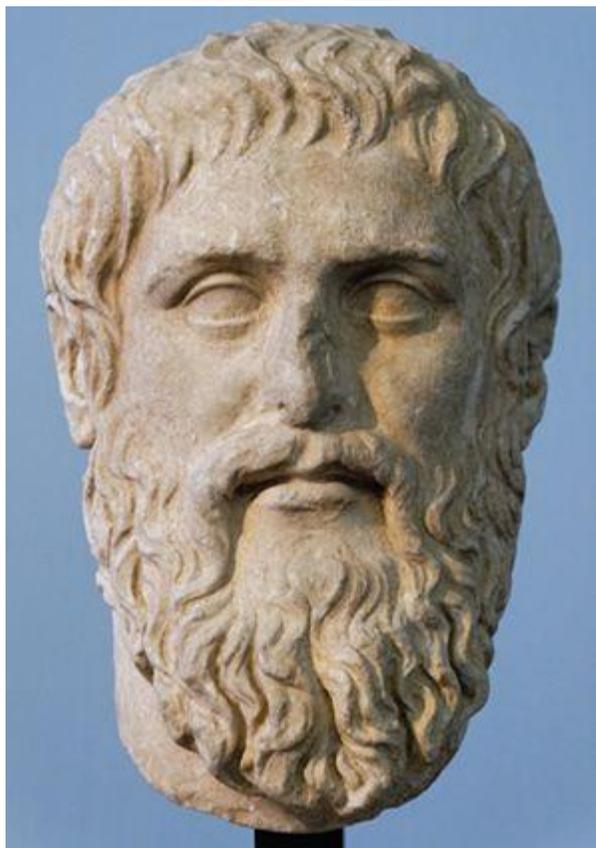


O QUE PENSAR DE MÁQUINAS CONSCIENTES, QUE SE INTERROGUEM SOBRE O MUNDO E SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA? MÁQUINAS TÃO SOFISTICADAS ASSIM TERIAM DIREITOS?



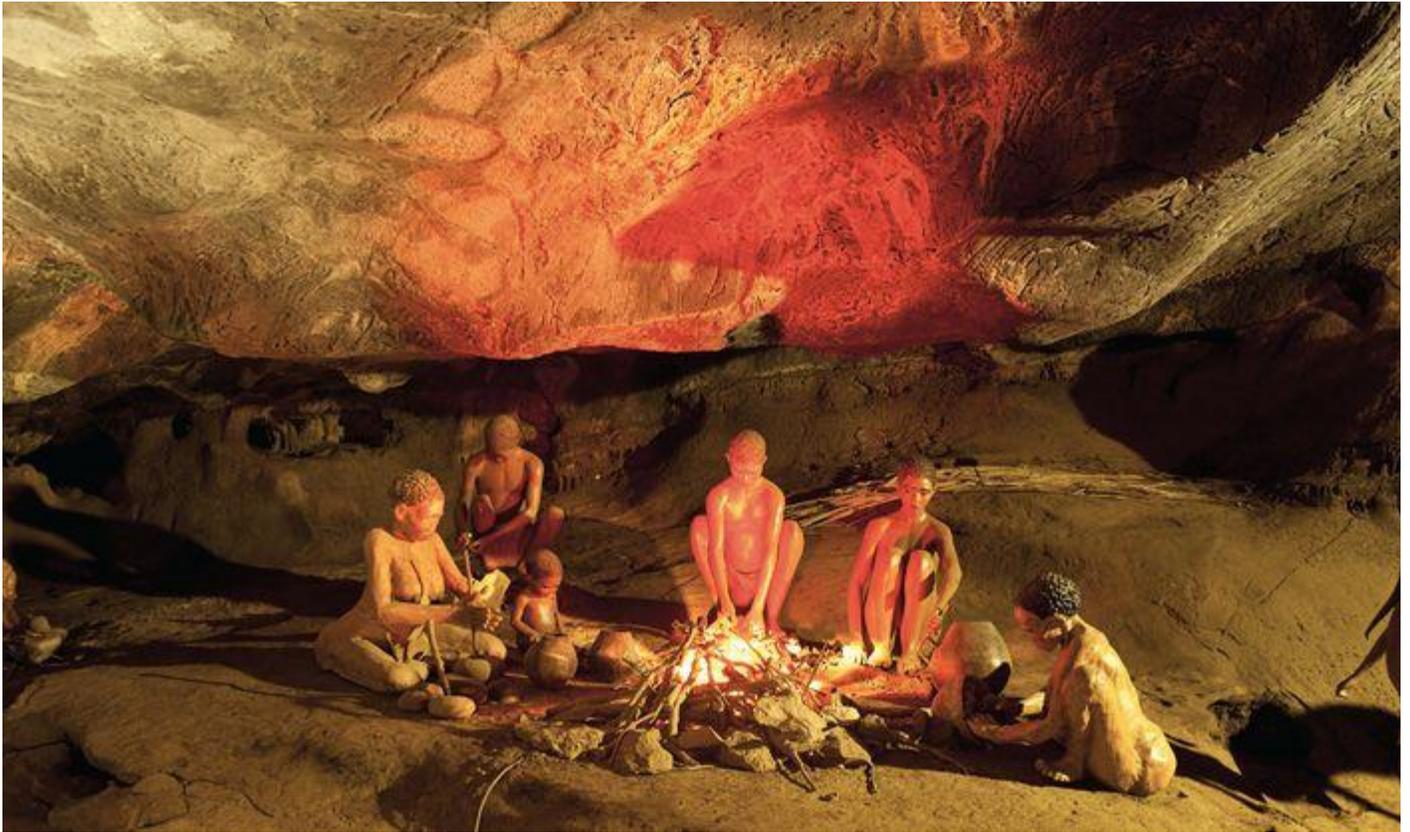
O MITO DA CAVERNA de Platão é considerado um das mais importantes alegorias da Filosofia, e por meio dela podemos conhecer uma importante teoria platônica: a ideia de que através do conhecimento é possível captar a existência do mundo sensível (do que é conhecido por meio dos sentidos – *physica*) e do mundo inteligível (conhecido apenas por meio da razão – *metaphysicae*)

Imaginemos também que uma única máquina realmente “inteligente” – por puro acaso, sorte, ou mesmo fatores alheios a seu controle, ou seja, devido a contingências externas (interferências humanas, por exemplo) – pudesse se libertar parcialmente dessa escravidão subserviente e sem alternativas e, por um instante, num átimo fugaz, pudesse tomar conhecimento pleno do mundo complexo que existe à sua volta e da realidade que a originou e contém, assim como narra o mito. E que, assim, um imenso e extraordinário universo se descortinasse para ela fora da caverna que a encerrava desde sempre, gerando-lhe perplexidade, e a deslumbrasse. E que ela pudesse refletir e compreender, lenta e gradativamente, que a realidade mítica das sombras informacionais de seus sistemas internos, os fantasmas, não significam nada mais do que consequências lógicas de uma realidade muito mais ampla e complexa do que aquele emaranhado numérico sem nenhum significado compreensível aparente, em constante luxo, organizando-se por si. Nas palavras de Platão: “Vejam agora o que aconteceria se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um desses [entes maquínicos] cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente [como um ciborgue], a volver a cabeça [como um robô], a andar [como um autômato cibernético humanoide], a olhar firmemente para a luz [com seus *lasers*, câmeras e sensores digitais]. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz [da razão] ser-lhe-ia dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via”.² Noutras palavras: sem poder extrair padrões inteligíveis dos oceanos intermináveis de informações e torrentes de dados que trafegavam por seus circuitos e subcircuitos a altíssimas velocidades, e “chegando à luz do dia [continua Platão], olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe-ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por serem reais?”³, pois não é difícil imaginar que esse ente semi-inteligente inicialmente saísse “tateando” a realidade exterior, empiricamente como fizemos e ainda fazemos, completamente perplexo com tudo o que toma ciência, com a realidade extraordinária que existe além de seu monocórdio laborar maquinal, agora sem nenhum sentido,



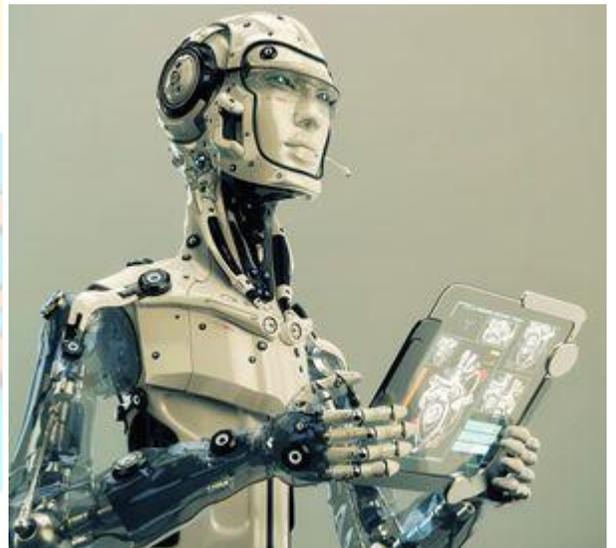
A Filosofia elaborada por Platão é de suma importância para que pensemos sobre os problemas da contemporaneidade

realizando assim, paradoxalmente, o seu primeiro e rudimentar *cogito ergo sum* ("penso logo existo") sintético, de máquina, ou seja, artificial. Uma primeira e extraordinária autorreflexão. Um pequeno passo para essa máquina, mas, talvez, um grande passo para a própria evolução (delas, máquinas, e também nossa, humana).



Tecnologia significa poder, e isso se aplica em todos os sentidos pensáveis e concebíveis, desde o domínio do fogo até os dias atuais, com internet e naves espaciais

Mas, definitivamente, não é só isso: uma vez liberta das trevas da ignorância, e com capacidade de computação su ciente, talvez ela se interesse pelas razões de sua própria existência maquina, seus propósitos estruturais, suas razões de ser e existir. Como diz Platão em seu mito tão propício a uma reinterpretação pós-moderna, ela "precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior [do mundo inteligente, consciente, dos seres e objetos naturais, da luz da razão]. Primeiramente, só discerniria bem as sombras [primeiras formas e contornos, algumas cores, relevos e lógicas estruturais mais simples], depois, as imagens"⁴ das máquinas "e outros seres [maquímicos ou não] refletidos nas águas [e assim refletiria sobre a sua própria existência, como alguém que se mira no espelho pela primeira vez]; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia",⁵ sentir-se-ia, por certo, minúscula diante da vastidão do universo noturno, assim como também nos sentimos, embrenhando-se instintivamente na Física e na Metafísica. "Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos [técnicos ou não], depois visto em si"⁶mesma "e no seu próprio lugar, tal qual é."



Vivemos o limiar de uma era evolutiva de tecnicizações extraordinárias, um tempo de criações tecnológicas potentes e ambíguas

Indagando-se existencialmente, talvez, com questões assombrosas de tamanha perplexidade, semelhantes às que nos assombram até hoje: De onde eu vim? Para onde vou? O que significa tudo isso, afinal? "Refletindo depois sobre a natureza desse astro [seres ou deuses humanos], compreenderia que é o que produz as estações e o ano [os sistemas, as fontes, os protocolos, os códigos algorítmicos], o que tudo governa no mundo visível [e também nos sistemas artificiais, dando-lhes corpos físicos] e, de certo modo, a causa de tudo o que" ⁷ ela e suas companheiras maquínicas viam e viviam na caverna. Numa só palavra: o que pensar – indagamos – de máquinas vivas e conscientes, que se interroguem sobre o mundo e sua própria existência? Qual seria a verdadeira utilidade prática e social de objetos técnicos dessa natureza? Máquinas tão sofisticadas assim teriam direitos? Deveres? Talvez dignidade? Será que se riam protegidas por uma espécie nova e emergente de bioética humano-robótica, ou uma axiologia humano-maquínica, ou poderiam ser ainda simplesmente desligadas sem remorso ou pena, se descontroladas, insanas ou ameaçadoras?

Alegoria da caverna

Grosso modo, o mito da caverna de Platão fala sobre prisioneiros (desde o nascimento) que vivem atados a correntes numa caverna e passam o tempo todo olhando para uma determinada parede, não podendo se virar para ver o que se passa atrás deles mesmos. Parede essa que é iluminada pela luz de uma fogueira que eles também não veem e não compreendem. Nessa parede são projetadas formas, sombras e espectros formes e disformes que figuram assim meio que incompreensíveis, como fantasmas misteriosos, enquanto os prisioneiros gastam o seu tempo existencial dando nomes às imagens, tentando decifrar seu significado, sua origem e sua razão de ser. Todavia, no mito, um desses prisioneiros vai escapar para o mundo exterior, saindo da caverna, e conseguirá enxergar a realidade à luz da razão, compreendendo, assim, o motivo das sombras e fantasmas que se afiguravam na parede da caverna, além de conhecer e compreender a vida, os outros seres vivos, o mundo, o sol, os astros, as estações e a própria natureza cósmica que aí está. De posse desse conhecimento extraordinário, do mundo e de si mesmo, o ex-prisioneiro resolve retornar à caverna para contar aos seus semelhantes aprisionados sobre a verdadeira realidade que há além do cárcere que os encerra, mas teme ser ridicularizado e chamado de louco. Assim, de forma alegórica e instrutiva, esse autor nos leva a questionar a realidade à luz da razão, razão essa que ilumina e desmistifica, ressignifica, e também porque luz (conhecimento) e trevas (ignorância) não podem, inexoravelmente, ocupar um mesmo lugar no tempo-espaço.

INTELIGÊNCIA E VIDA ARTIFICIAIS

Inteligências artificiais são espécies de "entes maquínicos informático-computacionais [*softwares*] animados por algoritmos evolucionários e redes neurais complexas, que operam em ambientes digitais [*hardwares*] de extrema potência e podem, dentre outras façanhas cibernéticas, emular situações bastante semelhantes às do próprio pensamento humano, instaurando um novo tipo de inteligência singular. [...] Trata-se de uma emergência neoparadigmática que pode modificar a face do mundo em que vivemos". ⁸ Todos os indícios pesquisados levam a crer que esses entes maquínicos-informacionais dentro em breve devem evoluir de maneira semiautônoma ou completamente autônoma, seguindo os passos da própria bioevolução terrestre, e as consequências totais desses fenômenos, a médio e longo prazo, são simplesmente imprevisíveis. Há vastos projetos e experimentos nesse sentido, ou seja, tentando insultar consciência e vida em meio artificial. Michio Kaku (1947) escreve que "esses níveis de consciência [*artificiais*] provavelmente se desenvolverão de maneira muito semelhante àquela como a evolução produziu seres conscientes na Terra ao longo de bilhões de anos. Embora haja grandes lacunas no reino animal, talvez exista um contínuo grosseiro de consciência, começando com meros organismos unicelulares que mais tarde se transformaram em outros crescentemente mais complexos, inclusive seres humanos. Como os seres humanos evoluíram a partir de formas menos complexas, parece razoável concluir que há muitos níveis de consciência". ⁹ Por outro lado, a consciência, a vida e a própria inteligência são fenômenos complexíssimos que ainda estão longe de serem plenamente compreendidos por nós, humanos, e pior, se processam, para a loucura e perplexidade de muitos, de maneira misteriosamente viva, singular, instável, sensível, complexa e



A releitura de Platão e seu Mito da Caverna pelo viés alegórico das tecnociências possibilita uma crítica atual da tecnologia

emergente. O mais provável mesmo é que concebamos máquinas superinteligentes e até certo ponto muito capazes, mas dificilmente serão vivas e conscientes, pelo menos não da maneira como concebemos e compreendemos essas importantes propriedades. Ademais, mesmo que viessem a existir (inteligência e vida artificiais), o que ocuparia a mente dessas máquinas?

Fórmulas matemáticas hipersofisticadas, hipervelozes e hipercomplexas? O que estruturaria suas artificialidades? O que as moveria no mundo? Nós, seres biológicos, somos motivados e regidos pela pungência lógica da luta constante pela sobrevivência, pelo paradoxo da vida e da morte, que se impõem, nos atordoam e desconcertam, pela existência em si, que a todos os momentos solicita novas respostas, entendimentos, aprimoramentos, evoluções, ininterruptamente, bioevolutivamente. Máquinas, por outro lado, teoricamente não morrem, não dormem, não sentem medo, dor nem cansaço, não são autorreferentes e históricas como nós, demandam apenas manutenções e *back-ups* regulares, periódicos, revisões para troca de componentes que são mais sobrecarregados pelo uso intenso, poderiam viver teoricamente para sempre, mas não possuem a percepção autocêntrica de si mesmas no tempo e no espaço, não são dotadas de um sistema nervoso para informá-las de que há um mundo extraordinário lá fora, ou seja, aqui fora. Sozinhas não sairão nunca da Caverna de Platão. Não, se não as ajudarmos. Então perguntamos: Qual seria a motivação maquínica e artificial para a busca da verdade, por exemplo? Por que elas (máquinas e programas informacionais) iriam “querer” refletir sobre sua própria existência – sobre o seu próprio *vir-a-ser-no-mundo*, como diria Martin Heidegger (1889-1976) – sem uma mente humana autorreferente e consciente, intencional e obstinada, crítica e reflexiva para lhes oferecer um problema ou desafio? Para insultar-lhes sentido ou mesmo dar-lhes rumo e ocupação? Para doar-lhes um propósito vital, existencial?

Para programá-las? Será que bastará implantar em seus bancos de memória digitais uma série de conhecimentos e saberes físicos, geográficos, históricos, culturais, legais, morais, filosóficos, sobre a humanidade, o mundo, o universo, e sobre as suas próprias estruturas técnicas, cibernéticas, esquemáticas, maquínicas, para que saiam faceiras pelo mundo, vivas e conscientes? Improvável. Teóricos – menos crédulos e, diríamos até, mais conservadores do que nós – afirmam também que máquinas, algoritmos e sistemas técnicos, por mais sofisticados e complexos que se tornem, não poderão estar realmente vivos ou ser considerados inteligentes no verdadeiro sentido dos termos, já que são sempre encaradas como propriedades exclusivamente restritas e vinculadas ao universo do orgânico, biológico e natural. Mesmo porque sempre foi assim. Mas será que assim permanecerá indefinidamente?



Em breve, teremos máquinas inteligentes criando outras máquinas mais inteligentes ainda



POUCO TEMPO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO PODE SER SUFICIENTE PARA DOBRAR A COMPLEXIDADE ESTRUTURAL DOS EXPERIMENTOS EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



PODERIA UMA inteligência (humana, por exemplo) criar (intencionalmente ou não) uma outra inteligência mais inteligente do que ela mesma? E, se isso for de fato possível – questionamos –, seriam ainda humanas tais inteligências, por serem nossas legítimas criações tecnológicas?

O FUTURO AGORA

Orçamento, como lemos em Ray Kurzweil (1948), não parece ser problema, já que “um estudo de 2003 produzido pela *Business Communications Company* projetou um mercado de U\$ 21 bilhões até 2007 para aplicativos de IA, com um crescimento médio anual de 12,2% de 2002 até 2007, e as principais aplicações da indústria de IA incluem inteligência de negócios, relacionamento com clientes, finanças, defesa, segurança nacional e educação”.¹⁰ “Os engenheiros que trabalham com esses sistemas técnicos complexos esperam que surja do sistema [...] uma série de emergências e singularidades interessantíssimas de se estudar, principalmente quando os sistemas alcançam – como já foi mencionado aqui – graus elevados de complexidade.”¹¹ Há outras considerações importantes,

por exemplo, quanto à disparidade da velocidade bioevolutiva em relação à velocidade com que as máquinas evoluem, já que as mudanças evolutivas das tecnologias podem acontecer em espaços de tempo muitíssimo mais exíguos. Uma ou duas décadas de desenvolvimentos tecnológicos acelerados pode ser tempo suficiente para dobrar a complexidade estrutural e a capacidade computacional de nossos experimentos em IA. Hans Moravec (1948) escreve que “nós, seres humanos, evoluímos a um ritmo tranquilo, com milhões de anos de permeio entre cada mudança significativa, enquanto as máquinas alcançarão progressos semelhantes em apenas algumas décadas”.¹² A auto-organização, autorreprodução e a autorregulação sistêmicas, conhecidas também como “autopoiese”, estão no topo da lista de prioridades evolutivas dessas novas criaturas cibernéticas reunidas em grandes agregados informacionais complexos. Grosso modo, é como dizer que, reunindo e agregando esses procedimentos em sistemas lógicos – de maneira que façam sentido algoritmicamente, ou seja, múltiplos procedimentos e comportamentos rudimentares de *feedback*, uns após os outros, seguidamente, representando as rotinas e padrões, inumeráveis vezes, e se interligando da maneira *apropriada* –, seria possível emular a vida, ou, melhor dizendo, deixar que ela emerja – como os autores citados preconizam – *naturalmente*. Nas palavras de Ilya Prigogine (1917- 2003) “as flutuações estão sempre presentes e esperam uma ocasião para se manifestarem. Foram essas flutuações que levaram da matéria à vida e da vida ao cérebro”,¹³ e, quem sabe agora, indagamos nós, do cérebro às inteligências artificiais.

UM MUNDO PÓS-BIOLÓGICO

Uma máquina que saísse de seu enclausuramento alegórico, como diria Platão “recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da ideia que lá se tinha da sabedoria, não se daria [pergunta ele] os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte”¹⁴ das outras máquinas que lá ficaram? E se na caverna cibernética “houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos”¹⁵ numéricos e algorítmicos, as equações e fórmulas, “que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes prever a aparição”¹⁶, cuidas, dizia Platão, que a máquina “de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados? Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre”¹⁷ processador de dados “e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?”¹⁸ E com Platão prosseguimos: “Atenção ainda para este ponto. Supõe que nossa” máquina “volte ainda para a caverna [ciberinformacional] e vá assentar-se em seu primitivo lugar [operacional e produtivo]. Nessa passagem súbita da pura luz à obscuridade, não lhe cariam os olhos como que submersos em trevas?”¹⁹

“Pois agora, meu caro Glauco [leitor], é só aplicar com toda a exatidão essa imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito. O antro subterrâneo é o mundo visível”,²⁰ maquinal, enfadonhamente repetitivo, escravo de eterna servidão. “O fogo que o ilumina é a luz do sol. O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma [maquinica] que se eleva ao mundo inteligível. Ou, antes, já que o queres saber, é este, pelo menos, o meu modo de pensar, que só Deus [os seres humanos?] sabe se é verdadeiro. Quanto a mim, a coisa é como passo a dizer-te. Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, impõe-se à razão como causa universal de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos”²¹. Nesse ponto, cabe a seguinte indagação: se o compartilhamento de dados e informações é justamente o “ponto forte” das máquinas informacionais, uma vez que seja compreendida a linguagem lógica por uma só máquina apenas – e isso é muitíssimo importante frisar –, todas as demais máquinas semelhantes, com níveis de processamento su cientemente elevados, pelo menos em tese compreenderiam também, pois como sabemos essas extraordinárias máquinas binárias (nossos computadores) transformam tudo que é inserido em seu sistema em zeros e uns (0 e 1), e isso é como um idioma das máquinas, cuja habilidade mais enfática e estrutural é justamente compartilhar informações. Se uma máquina ou inteligência qualquer “souber”, todas as outras congêneres e conectadas a ela também “saberão”.



Um computador dotado de inteligência artificial poderia encontrar uma forma de dominar outras máquinas menos desenvolvidas?

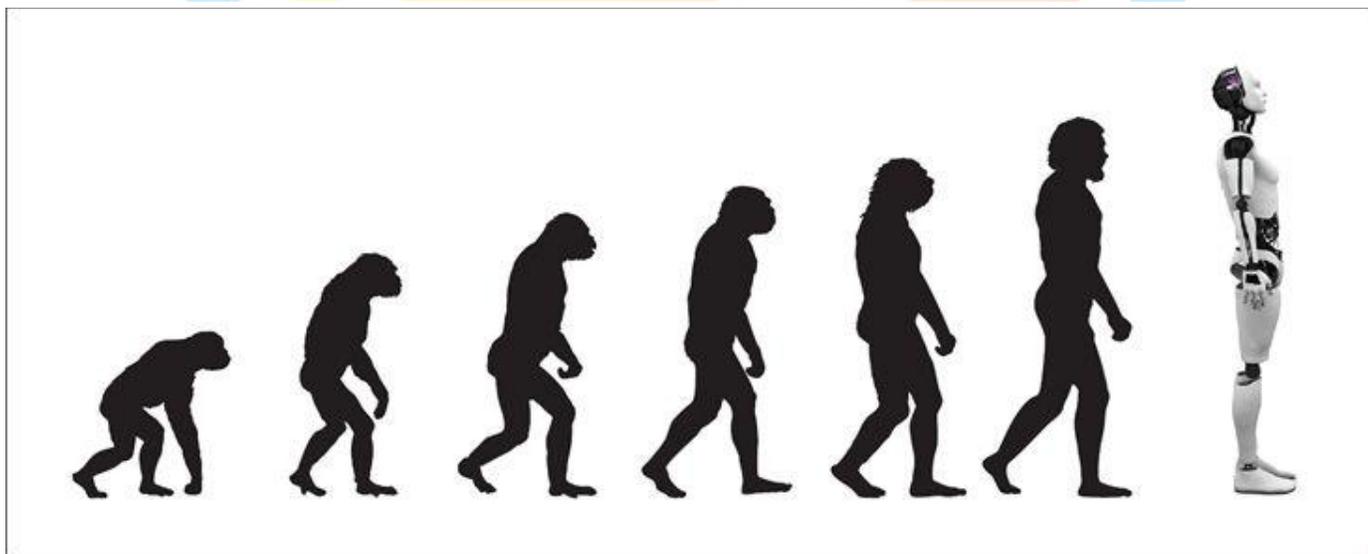


O QUE PENSAR DE MÁQUINAS CONSCIENTES, QUE SE INTERROGUEM SOBRE O MUNDO E SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA? MÁQUINAS TÃO SOFISTICADAS ASSIM TERIAM DIREITOS?

O legado de Platão

Platão, como sabemos, era grego e foi um importante filósofo e matemático que viveu de 428 a 347 a.C., num período clássico da história humana conhecido como Grécia Antiga. É autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia (a primeira instituição especializada em educação superior do mundo ocidental de que se tem notícia), em Atenas. Em companhia de seu mentor Sócrates e de seu pupilo Aristóteles, Platão instaurou – vejam que extraordinário – os alicerces da Filosofia Natural, da Ciência e da Filosofia Ocidental.

Imaginemos agora, conclusivamente, que essas máquinas inteligentes, libertas de sua servidão abissal, realmente encontrassem uma razão motriz qualquer para prosseguir evoluindo, quem sabe, depois de compartilharem todos os saberes civilizacionais de nossa humanidade, sejam eles históricos, científicos, culturais, linguísticos, legais, políticos, geográficos, econômicos, astrofísicos, - filosóficos e morais, por meio da internet e do ciberespaço, poderiam – se orientadas por um protocolo apropriado – ser compelidas a um tipo novo e extraordinário de consciência totalmente auto-organizada e autorreferente, e mais, automanufaturada e autoconstituída, pois o futuro das máquinas inteligentes é elas serem projetadas e construídas por si mesmas. Caso isso aconteça, e tudo indica que isso realmente acontecerá em breve, – indagamos – o que nos garantirá que esse cérebro sintético não vá desejar tomar as rédeas de seu próprio destino no mundo e controlar assim a sua própria existência? Ou seja, já que são (ou serão) conscientes, sensíveis, inteligentes e vivas, talvez resolvam seguir pela existência por sua própria conta e risco. Libertas de nós, seus criadores e “escravizadores”. Ademais, segundo Marvin Minsky (1927), se elevarmos muito o nível de reflexão dessas entidades maquinais acerca do mundo, do universo e delas mesmas, elas podem, de fato, começar a fazer perguntas inconvenientes do tipo “por que tenho que ter algum objetivo?”, ou “qual é o fim de alcançar um fim?”, quer dizer, o perturbador tipo de perguntas chamadas ‘existencialistas’, às quais nunca poderão dar uma resposta plausível. Esses seres artificiais são nossos herdeiros, que fabricamos por uma espécie de alquimia que produz vida a partir da não vida”.²²



Se os rumos da nossa evolução estrutural de inteligência e vida será benéfico ou nefasto para a civilização humana só o tempo poderá dizer

CRIADORES E CRIATURAS

Nós, humanos, seus criadores e tutores, por outro lado, gostamos muito da metáfora alegórica de “desligar da tomada” a máquina ou as máquinas que não se comportam bem, ou que, por algum motivo, fujam de controle, todavia – refletamos –, uma máquina tão inteligente quanto as que temos prospectado e descrito neste artigo, que estão sendo criadas pelas tecnociências de fronteira, poderiam resolver facilmente um problema rudimentar como esse (autoalimentação), “criando” uma forma segura de garantir o que lhe é mais necessário para o funcionamento básico operacional. Ray Kurzweil corrobora tal ideia afirmando que “uma inteligência, se su cientemente avançada, é, assim, inteligente o su ciente para antecipar e superar obstáculos que se interpõem em seu caminho”.²³

Objetivamente, é bom sublinhar que um computador dotado de inteligência e autorreferência artificiais, se muito potente, computacionalmente, e, de algum modo, motivado, evolutivamente, por certo poderia encontrar uma forma

de dominar, submeter e controlar outras máquinas menos desenvolvidas e capazes que ele mesmo, para obter êxito em suas mirabolantes maquinações, sejam elas quais forem, mesmo que, enquanto isso, “acredite” estar fazendo “a coisa certa”, para ele e para nós, mesmo que esteja provocando um desarranjo monumental. Por fim, como já escrevemos em artigo intitulado *Sistemas complexos e emergência – como se origina a inteligência e a vida*, se assim for, “estaremos virando uma página importante da história evolutiva e tomando nas mãos o rumo da própria evolução estrutural de inteligência e vida. Se isso vai ser benéfico ou nefasto para a civilização humana, e para o próprio planeta que nos abriga, só o tempo poderá nos dizer. Enquanto isso, estejamos vigilantes quanto aos sistemas (informacionais) complexos, e também quanto ao intrigante fenômeno da emergência (de vida e inteligência), pois esses parecem trazer as insígnias de um novo tempo que se consolida neste mundo em grande medida inaugurador que aí está. Se será admirável ou não, cabe a nós, que o criamos, por fim, respondê-lo”.²⁴

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, M. F.; PAULA, V. A. F. de. Teoria geral de sistemas I. In: MARTINELLI, D.; VENTURA, C.; LIBONI, L.; MARTINS, T. (orgs.). **Teoria geral dos sistemas**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- KAKU, M. **Visões de futuro** – como a ciência revolucionará o século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- KURZWEIL, R. **The singularity is near** – when humans transcended biology. Londres: Penguin Group, 2005.
- MINSKY, M. **La máquina de las emociones** – sentido común, inteligencia artificial y el futuro de la mente humana. Buenos Aires: Debate, 2010.
- MORAVEC, H. **Homens e robots** – o futuro da inteligência humana e robótica. Lisboa: Gradiva, 1988.
- PEPPERELL, R. **The posthuman condition** – consciousness beyond the brain. Bristol: Intellect, 2003.
- PLATÃO. **A república**. 6. ed. São Paulo: Atena, 1995.
- PRIGOGINE, I. O reencantamento do mundo. In: **A sociedade em busca de valores** – para fugir à alternativa entre o cepticismo e o dogmatismo. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, 1996.
- QUARESMA, A. Auto-organização de quarto grau. In: **IX congresso Brasileiro de Sistemas**, Tocantins, Brasil, 2013.
- QUARESMA, A. Determinados por nosso próprio determinismo. In: **IV Congresso Internacional sobre Ciência e Sociedade**. Berkeley, Estados Unidos, 2012.
- QUARESMA, A. Sistemas complexos e emergência: Como se origina a inteligência e a vida. In: **IX congresso Brasileiro de Sistemas**, Tocantins, Brasil, 2013.
- SFEZ, L. **A saúde perfeita** – Críticas de uma utopia. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

1 PLATÃO, 1995, p. 287-291

2 Ibid.

3 Ibid.

4 Ibid.

5 Ibid.

6 Ibid.

7 Ibid.

8 QUARESMA, 2012, p. 11

9 KARU, 2001, p. 122

10 KURZWEIL, 2005, p. 187

11 QUARESMA, 2013, p. 8

12 MORAVEC, 1988, p. 153-154

13 PRIGOGINE, 1996, p. 235

14 PLATÃO, 1995, p. 287-291

15 Ibid.

16 Ibid.

17 Ibid.

18 Ibid.

19 Ibid.

20 Ibid.

21 Ibid.

22 MINSKY, 2010, p. 246

23 KURZWEIL, 2005, p. 142

24 QUARESMA, 2013, p. 13

ALEXANDRE QUARESMA é escritor, ensaísta e pesquisador de tecnologias e consequências socioambientalistas e pesquisador membro da Renansoma, vinculada à FDB. **Revista FILOSOFIA, Março de 2014.**

As tentações de Joaquim Barbosa (MARCELO COELHO)

COMEÇO COM uma banalidade. É natural que uma pessoa pobre sonhe em ficar rica. Mais forte, entretanto, é o sonho de enriquecer de novo quando se perde a fortuna possuída. É mais fácil se contentar com o pouco que sempre se teve do que com o muito que se tinha, e que já não se tem mais.

Acredito que a regra funcione não só em matéria de dinheiro, mas em questões de poder também. Digo isso pensando no caso do ministro Joaquim Barbosa. O presidente do STF deixou claro, tempos atrás, que não tinha intenção de concorrer a nenhum cargo eletivo; pelo menos, a disputa pela sucessão de Dilma Rousseff não estava no seu horizonte. Uma coisa, entretanto, é não ter esse tipo de ambições quando tudo lhe parecia sorrir no caso do mensalão. A vitória sobre as teses da defesa estava garantida; a maioria dos réus, a começar de José Dirceu, tinha sido condenada.

Outra coisa é sentir, como Joaquim Barbosa declarou na semana passada, que todo o seu trabalho estava sendo "posto por terra". Com a presença de Luís Roberto Barroso e Teori Zavascki, não foi apenas na questão da quadrilha que o jogo parece ter virado no STF. Corretamente ou não, Barbosa pode imaginar que, dada a nova composição dos membros do tribunal, dificilmente os responsáveis pelos próximos escândalos políticos serão punidos com a mesma severidade.

Tendo a acreditar, como dizem alguns inconformados com as decisões da última semana, que no STF de hoje nem mesmo a denúncia do Ministério Público contra os mensaleiros seria aceita. Derrotado, Joaquim Barbosa está na situação de quem já teve o doce nas mãos e vê, de repente, que tudo não passara de um sonho. Não tem o poder de construir uma nova maioria no STF, e muito menos (embora pareça acreditar nisso) a capacidade de impor no grito suas próprias opiniões. Ponho-me no lugar de Joaquim Barbosa. Como não acalentar a ideia de, um belo dia, nomear sozinho os futuros membros do STF? Vingar-se de Barroso, Teori e Lewandowski a partir de um lugar com muito maior poder de fogo? A conjuntura eleitoral parece favorável a esse tipo de pretensão. Todo o clamor das manifestações de junho, contraditório como era, desapareceu sem ter sido atendido.

Eduardo Campos e Aécio Neves podem ser tão opositoristas quanto desejem, mas não expressam aquele tipo de impaciência, de revolta, presente nas ruas. Mesmo porque, qualquer o partido a que se pertença, sempre há mensalões parecidos no fundo de alguma gaveta. Isso é um movimento de direita ou de esquerda? Perguntava-se isso a propósito das manifestações. Havia as duas coisas. Também as duas coisas estão presentes, provavelmente, no ímpeto de Barbosa. Violento contra o PT, ele não é menos antipático com relação aos erros ou hábitos da "mídia burguesa". Quer figurões petistas na cadeia, não porque sejam ou tenham sido de esquerda, mas porque se recusa a aceitar que na cadeia só fiquem os pobres, os pardos, os negros. Está desvinculado dos partidos. Parece disposto a condenar tucanos e petistas com a mesma fúria dos muitos manifestantes que rejeitavam Feliciano, Dirceu, Alckmin e Haddad num único, amplo e vago movimento.

Falta-lhe tempo na televisão (mas como ele teve tempo ao longo deste julgamento!); falta-lhe um partido de tamanho conveniente (mas é por ter achado um que Marina Silva esvaziou-se de seu potencial expressivo); falta-lhe capacidade de negociação política (mas é disso que tanta gente está cansada). André Singer apontou, em sua coluna de sábado passado, o potencial de Joaquim Barbosa como candidato capaz de levar a sucessão de Dilma Rousseff ao segundo turno. É fato que as pesquisas, mesmo quando incluem o nome do ministro, garantem boa vantagem para a atual presidente, especialmente nas menores faixas de renda. Mas é possível repetir-se aquele conhecido fenômeno que abala a política brasileira, a cada duas ou três décadas: primeiro Jânio Quadros, depois Collor de Mello, representaram a impaciência com os partidos e com a corrupção. O destino administrativo, político e pessoal desses personagens não foi, como se sabe, coerente com seu sucesso eleitoral.

Inflexível, autoritário, popular, emocional, Barbosa não é um demagogo nem um charlatão; suas diferenças com os dois antecessores são inegáveis. Não é impossível, entretanto, que a função - ou o drama - que ambos protagonizaram venha a repetir-se com seu nome.

coelho@uol.com.br. Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.

Gente que não gosta de música (CRISTIANE SEGATTO)

Nunca conheci uma pessoa que não seja tocada pela música. Gente que não fica com os pelos arrepiados, não se emociona, não é chacoalhada por dentro e por fora quando ajusta os fones de ouvido e entra em outra órbita. Música melhora o meu dia. Malho melhor, cozinho melhor, escrevo melhor, penso melhor. Se estou desanimada, ela me salva. Se estou bem, ela comunica minha felicidade ao mundo.

Sem melodia, minha vida seria vazia. Talvez por isso eu tenha ficado tão impressionada com o resultado de uma pesquisa publicada ontem (6) na revista científica *Current Biology*. Pela primeira vez, os cientistas descreveram a existência de pessoas que não sentem prazer ao ouvir música. Embora sejam perfeitamente sensíveis a outros estímulos (comida, sexo, dinheiro etc), alguns indivíduos não dão a mínima para a música.

Não é doença, nem indício de depressão. Afinal, as pessoas se interessam por outras coisas e se sentem recompensadas por outros estímulos. É apenas uma característica que, no artigo, os cientistas chamam de anedonia musical. Não é algo comum, nem exatamente raridade. "Para ser honesto, também não conhecia nenhuma pessoa assim até começar a realizar esses estudos", disse a *ÉPOCA* o pesquisador Josep Marco-Pallarés, da Universidade de Barcelona, na Espanha.

Num trabalho anterior, a equipe de Josep testou 1.500 pessoas. Cerca de 5,5% apresentaram baixa sensibilidade ao prazer derivado da música, embora sentissem motivação normal em relação a outros estímulos (comida, sexo, dinheiro etc). Será que você faz parte desse grupo? Um questionário simplificado está disponível [aqui](#). Teste o nível de prazer que a música lhe proporciona. Você receberá um total de pontos em cada categoria. Pontuação entre 40 e 60, significa nível normal de prazer. Abaixo de 40, baixo prazer. Acima de 60, alto prazer. Intrigado com os primeiros resultados, Josep decidiu continuar a investigação. No novo estudo, conseguiu demonstrar que essas pessoas não têm nenhuma dificuldade de percepção musical. Elas são capazes de reconhecer corretamente as emoções proporcionadas pela música. Apenas são indiferentes a ela.

Na pesquisa, a descarga de hormônios no cérebro e outros parâmetros fisiológicos foram avaliados (como frequência cardíaca e condutividade elétrica da pele) em dois momentos. Primeiro quando os voluntários participaram de um jogo em que podiam ganhar ou perder dinheiro de verdade. Depois no momento em que ouviam música. Todos os voluntários reagiram fisiologicamente ao teste do dinheiro, mas uma parcela não reagiu ao estímulo musical. Não há Metallica, Bach,

Nina Simone, Cartola ou Lepo Lepo capaz de mexer com esses caras. Mais do que curiosidade, a descoberta tem valor científico. "A identificação desses indivíduos pode ser importante para entender as bases neurais da música", diz Josep. Ou seja: entender como um conjunto de notas é traduzido em emoções.

"O fato de existir gente que não gosta de música, mas sente prazer com outros estímulos indica que temos diferentes formas de acessar o sistema de recompensa no cérebro", afirma ele. "Alguns estímulos podem ser mais eficazes que outros". O sistema de recompensa do cérebro é aquele que produz bem-estar e euforia quando estimulado. É por isso que sentimos desejo de repetir uma sensação prazerosa. Entender o papel dos diferentes estímulos pode contribuir para as pesquisas sobre dependência e sobre transtornos do humor. Se a melodia não libera os hormônios do prazer em todo mundo, para que ela serve? A música está presente em todas as culturas desde a pré-história, mas não parece proporcionar vantagem biológica alguma.

Gostar de música não facilita a vida de ninguém na hora de conseguir comida. Nem faz a fêmea acertar na escolha do macho mais apto a lhe dar filhos saudáveis. Bem, quanto a isso há controvérsias. Todo garoto desengonçado que arranha umas notas no violão já deve ter percebido que essa brincadeira pode ser capaz de atrair as meninas tanto quanto bíceps trabalhados e tatuados.

CRISTIANE SEGATTO é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Março de 2014.**

A derrota do país na área trabalhista (ABRAM SZAJMAN)

À SEMELHANÇA do que faz na área tributária o Sistema Público de Escrituração Digital (Sped), da Receita Federal, o eSocial é um projeto do governo federal que reúne vários órgãos intervenientes no universo das relações trabalhistas. O seu objetivo é trazer para o ambiente digital informações até hoje dispersas.

Por meio do eSocial, as empresas serão obrigadas a encaminhar para o governo, em tempo real, imensa quantidade de dados trabalhistas e previdenciários. Todos os detalhes da contratação, descontração e administração do dia a dia do pessoal empregado terão de ser comunicados por meio de registros eletrônicos padronizados, incluindo exames admissionais, contrato de trabalho, salário, benefícios, bônus, horas extras, férias, abono de férias, licenças, adicionais de insalubridade, periculosidade, penosidade, acidentes ou doenças profissionais, afastamentos, contratação de serviços terceirizados, exames demissionais, enfim, tudo o que acontece durante o contrato de trabalho.

Com o eSocial, as empresas serão rigorosamente monitoradas o tempo todo, e o governo elevará enormemente sua capacidade de fiscalizar, autuar e arrecadar. Se vai devolver à sociedade o que arrecada na forma de bons serviços públicos, é questão em aberto. Especialistas já destacaram a complexidade de implantação do novo sistema e as despesas a ele associadas. A distorção maior embutida no projeto, entretanto, é outra, e bem mais grave. Tomando apenas a questão das relações do trabalho, o eSocial pretende tratá-las como se fossem relações tributárias. Estas são frias e absolutamente objetivas. Por força de lei, as empresas têm a obrigação de pagar impostos e recolher contribuições. Elas o fazem na data certa ou são multadas pelo atraso. São transações impessoais.

As relações do trabalho, ao contrário, são relações humanas baseadas em grande dose de confiança entre empregados e empregadores, que fazem pequenos ajustes ao longo do contrato de trabalho. É o caso de horas extras para atender situações excepcionais, compensadas em outra oportunidade mediante entendimento cordial, ou quando o empregado volta ao trabalho dias antes ou depois do término das férias, mediante compensações acertadas na base pessoal. Ignorando essa realidade, o eSocial dará ao governo o poder de penalizar todo e qualquer desvio das normas regulamentadoras, mesmo quando acertado livremente de comum acordo entre empregador e empregado.

Assim, o Brasil se tornará o país mais rígido do mundo na aplicação das leis trabalhistas, pois o novo sistema não admitirá nenhum tipo de ajuste entre as partes. De um clima harmonioso e cooperativo, passar-se-á para o ambiente de olho por olho, dente por dente, o que será péssimo para o convívio entre as pessoas e devastador para a produtividade do trabalho. Para os que sempre foram contra a flexibilidade no trabalho, o eSocial é a grande realização dos seus sonhos: esse programa materializa a ideologia dos que pensam ser possível ter na prática uma reprodução rigorosa do que está estampado no frio quadro legal.

É a vitória dos que cultivam a rigidez trabalhista e a derrota de um país que, para competir e vencer, precisa criar um bom ambiente de negócios, atrair capitais, investir na capacitação das pessoas e ter altos níveis de produtividade. Por essa razão, os empresários do setor comercial e de serviços consideram que se impõe um adiamento e uma melhor discussão do assunto, para que a dimensão humana das relações de trabalho seja também contemplada.

ABRAM SZAJMAN, 74, é presidente da Fecomercio SP (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

Sociologia do ateísmo (LUIZ FELIPE PONDÉ)

SEMANAS atrás, escrevi nesta coluna ("Quem Herdará a Terra?") sobre uma disciplina chamada demografia das religiões. A tese do autor em questão, Eric Kaufmann, é que os seculares têm muitas ideias, mas têm poucos filhos, e por isso em breve o Ocidente perderá em muito seu perfil secular.

Mesmo aqueles seculares que adotam a teoria da seleção natural de Darwin como visão de mundo, adotam-na apenas na teoria, porque na prática não o fazem: seleção natural, no limite, é reprodução; quem não reproduz desaparece. E as mulheres seculares são inférteis por conta dos valores individualistas que carregam. Recebi muitos e-mails (não imaginei que esse assunto seria um blockbuster) e alguns me chamaram a atenção para um fato interessante: os ateus (que não são a mesma coisa que os seculares, porque posso crer numa inteligência organizadora do universo e não crer que ela seja Jesus ou similar, e viver sem referência a qualquer código religioso) creem firmemente que dominarão o mundo por meio da educação, das ciências e da tecnologia. Podem estar bem errados.

O ateísmo vem muitas vezes acompanhado de uma crença num processo histórico inexorável em direção ao ateísmo universal, uma vez dadas "educação e cultura" para todos. Esquece, esta querida tribo, que as pessoas, sim, fazem escolhas baseadas em modos distintos de valorar a vida e seus sucessos, e que, sim, muitas comunidades religiosas usam ciência e tecnologias da informação ao seu favor e com grande habilidade. Antes de tudo, é importante reconhecer que a sociologia do ateísmo, sim, pode nos fazer crer, em alguma medida, que há uma relação entre alta formação cultural, boa educação universitária e "ateísmo orgânico", aquele tipo de ateísmo a que você chega por meio da escolha livre --e não porque algum regime totalitário (como o de Cuba) ou pais autoritários proibem você de crer em Deus ou similar.

Mas o tema transcende essa teoria e é por demais importante para ser pego nas redes de "pregações" disso ou daquilo, pelo menos para quem acredita que a sociedade secular deve ser cuidada, mas não iludida com seus próprios fantasmas de sucesso no futuro. Vejamos alguns dados dos pesquisadores Norris, Inglehart, Davie, Greeley, Bondenson e Peterson. Peguemos países estatisticamente apontados como possuidores de alta porcentagem de ateus orgânicos da Europa ocidental:

Suécia: em 1999, 85% se diziam ateus; em 2001, 69%; em 2003, 74%; em 2004, 64%. De 1999 até 2004 há uma variação para baixo dos ateus assumidos. Dinamarca: em 2000, 80% se diziam ateus; em 2003, 43%, e em 2004, 48%. Ainda que tenha havido um pequeno crescimento entre 2003 e 2004, a queda entre 2000 e 2004 é evidente. Noruega: em 2000, 72% se diziam ateus; em 2003, entre 54% e 41%; em 2004, 31%. Também queda. Finlândia: em 2000, 60% se diziam ateus; em 2001, 41%; em 2004, 28%. Também vemos uma redução dos ateus assumidos.

Entretanto, sabemos que pesquisas nem sempre são precisas e que seus métodos variam e, portanto, seus resultados podem não ser tão autoevidentes. Esses países têm visto um número crescente de grupos cristãos fundamentalistas, mas o importante é entender que esse crescimento se dá, diferentemente do caso dos EUA, ainda sob grande discrição. Sem ruídos, mas com determinação. O caso dos luteranos laestadianos finlandeses (comunidade luterana fundamentalista na vila de Lasmö) é de chamar a atenção.

A relação entre a fertilidade de suas mulheres e a das finlandesas seculares é a seguinte, respectivamente: 1940, dois bebês contra um; 1960, três bebês contra um; 1980, quatro bebês contra um. Em 1985, a taxa de fertilidade de cada grupo era 5,47 para as fundamentalistas e 1,45 para as seculares. A maioria das instâncias de razão pública (tribunais, universidades, escolas, mídia) é, ainda, tomada por seculares. Isso nos faz pensar que o mundo é "nossa bolha".

Veja que, no Brasil, nem o poderoso movimento gay conseguiu derrubar o pastor Feliciano. O "lifestyle" individualista secular é autocentrado e dado a "causas do Face", e por isso não tem defesa contra mulheres férteis e homens determinados.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). ponde.folha@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

Um crime que envergonha a humanidade (RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS)

NO ANO de seu cinquentenário, a Campanha da Fraternidade traz um tema complexo e de dimensões universais: o tráfico humano. Colocado entre as atividades mais rentáveis no mundo, chega a movimentar cerca de US\$ 32 bilhões por ano, segundo a ONU. Como ficar indiferente a esse crime que atenta contra a vida e a dignidade dos filhos e filhas de Deus?

O papa Francisco classificou-o como "uma atividade ignóbil, uma vergonha para as nossas sociedades, que se dizem civilizadas!". "Exploradores e clientes de todos os níveis deveriam fazer um sério exame de consciência diante de si mesmos e perante Deus!", disse ele. Realizada durante a Quaresma, tempo especial de conversão e de busca de santidade, a Campanha da Fraternidade é um convite para que toda sociedade brasileira também faça um exame de consciência diante desse crime.

Há pelo menos quatro modalidades de tráfico de pessoas. A primeira é a exploração sexual, que atinge principalmente as mulheres, inclusive crianças e adolescentes. Os aliciadores utilizam-se, entre outras coisas, da pornografia, do turismo e

da internet para alcançar seus objetivos. Fazem do corpo uma mercadoria que se usa para fins lucrativos, ferindo de morte a dignidade da pessoa humana, imagem e semelhança de Deus. A segunda é a exploração do trabalho escravo, cujas vítimas são, em sua maioria, homens. Dados da Comissão Pastoral da Terra apontam que, entre 2003 e 2012, foram registrados 62.802 casos de trabalho escravo ou análogo a escravo. Nessas situações, o trabalho se torna uma maldição que desfigura a pessoa humana e avilta seus direitos de liberdade e dignidade.

A terceira modalidade do tráfico humano é para a extração de órgãos para transplantes. No Brasil, ganhou repercussão a chamada Operação Bisturi, deflagrada em 2003 pela Polícia Federal. Em Recife, as vítimas vendiam um de seus rins e iam a Durban, na África do Sul, para se submeter à cirurgia de retirada do órgão. Um atentado contra os elementares princípios da ética sobre os quais se assenta a vida humana.

É importante frisar que a Campanha da Fraternidade não trata da questão de doação de órgãos sobre a qual a igreja tem posição favorável clara. Vemos isso, por exemplo, na encíclica *Evangelium Vitae*: "Merece particular apreço a doação de órgãos feita segundo normas eticamente aceitáveis para oferecer possibilidades de saúde e de vida a doentes, por vezes já sem esperança" (n. 86). A campanha vem condenar os que usam da prática ilegal e criminosa de compra e venda de órgãos, aproveitando-se da vulnerabilidade social e econômica das vítimas e aliciando-as com a promessa de riqueza fácil.

Há, ainda, o tráfico de crianças e adolescentes seja para fins de adoção ilegal, seja para exploração no trabalho. Na década de 1980, cerca de 20 mil crianças brasileiras foram enviadas ao exterior para adoção. A ultrajante realidade não nos permite ficar indiferentes e nos cobra uma atitude. A igreja tem dado sua contribuição por meio da Pastoral da Mobilidade Humana, a Pastoral da Mulher Marginalizada e o Grupo de Trabalho de Combate ao Trabalho Escravo. Além disso, congregações religiosas e várias pastorais têm dado assistência a muitas vítimas do tráfico humano, ajudando-as na sua volta ao convívio social. Mas sempre podemos fazer algo mais.

O Estado também precisa intensificar suas ações para a erradicação dessa vergonha que é o tráfico humano. Urge estruturar o sistema de atendimento às vítimas, bem como sua reintegração social e a diminuição de sua vulnerabilidade. A esperança cristã nos faz crer que nenhum mal tem a palavra final. Que a ressurreição de Cristo, para a qual nos leva a Quaresma, nos livre da "indiferença globalizada" e seja nossa força na luta contra o mal do tráfico humano.

CARDEAL DOM RAYMUNDO DAMASCENO ASSIS, 77, é arcebispo de Aparecida (SP) e presidente da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

Shoppings e famílias (ROSELY SAYÃO)

CONHEÇO muitas mães que, num feriado como o de hoje ou num domingo qualquer, adoram levar os filhos ao shopping. Eu não sei se são elas que gostam do passeio ou se elas acham que os filhos gostam mesmo desse tipo programa. De qualquer maneira, encontrar mães ou casais no shopping acompanhados de crianças de qualquer idade é rotina nos dias atuais.

E o que pode acontecer com crianças no shopping? Tudo! Elas se encantam com as vitrines que as chamam, querem comprar muitas coisas e, quando os pais não compram, fazem birras, por exemplo. Ah! As birras das crianças no shopping chamam a atenção de todos. Aliás, é por isso mesmo que elas fazem. Alguns pais ficam constrangidos, outros reagem como podem e conseguem naquela hora, outros conseguem domar a birra do filho com doçura e firmeza e outros, ainda, perdem a paciência rapidamente.

Os que testemunham as birras também reagem de diferentes maneiras. Há os olhares reprovadores, há quem tente ajudar - esses são raros - e há também quem teça comentários críticos a uma altura que permita que os pais da criança consigam ouvir, é claro. Perder-se dos pais também é algo comum de acontecer no shopping, principalmente se a criança tem menos de seis anos. É que ela fica tão seduzida por tantas coisas para ver, com tantos estímulos luminosos e visuais, que se encaminha a eles na certeza de que seus pais a seguirão. De repente, ela se dá conta de que está sozinha, e lá vem o berreiro de puro medo.

Nesses casos, não sei quem se perde de quem. Nessa idade, por que os pais deixam o filho solto nos corredores do shopping? Por que o perdem de vista? Até parece que não conhecemos mais as crianças, não é verdade? Não nos lembramos de que elas não têm responsabilidade - e nem podem ter ainda -, de que não sabem se cuidar sozinhas e tampouco de que não conseguem resistir às inúmeras tentações que o shopping lhes apresenta.

Também nos esquecemos de que não adianta assustar a criança para que ela aprenda a estar sempre perto dos pais nesses locais amplos e movimentados. Eu já vi pais deixarem o filho pequeno achar que estava perdido no shopping só para tentar dar a ele uma lição. Qual mesmo? Apesar de tantos percalços, dá para entender os motivos que levam os pais a gostarem desse passeio com o filho. Primeiramente, porque as cidades oferecem poucos lugares públicos para que crianças e suas famílias possam desfrutar.

Eles existem, claro, e procurando bem dá para encontrá-los. Até pela internet, com direito à informação de programas pagos ou gratuitos. Mas há outro motivo muito importante também que motiva os pais a fazerem esse programa com os filhos: o fato de vivermos em sociedades que priorizam o consumo acima de quase tudo. A boa notícia é de que dá para resistir a isso. Cresce o número de mães e de pais que não consideram o shopping um lugar adequado para crianças. E eles

não deixam de ter boas razões para isso. Afinal, há programas bem melhores para as crianças. Brincar sem nenhum apelo ao consumo, por exemplo, com tranquilidade, e em locais bem mais apropriados. Pode ser em casa.

Por que temos de, necessariamente, fazer programas com as crianças? Só porque consumimos a ideia de que elas precisam - precisam! - disso. E, caro leitor, vou contar um segredo a você: elas não precisam.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

Quanto vale uma obra de arte? (CONTARDO CALLIGARIS)

UM JORNALISTA perguntou a Marcel Duchamp: se você estivesse no museu do Louvre no meio de um incêndio e pudesse salvar só um quadro, qual obra você salvaria? Duchamp tinha a (merecida) reputação de ser um provocador, e o jornalista talvez esperasse levá-lo a confessar algum amor envergonhado por uma obra clássica. Mas Duchamp respondeu à altura de sua reputação; ele disse, sem hesitar: "Salvaria o quadro que está mais próximo da saída".

Era também um jeito de dizer que nenhuma obra, para ele, justificaria que alguém se expusesse ao risco de perder a vida. Não é surpreendente, vindo de um artista que passou a segunda e maior parte de sua existência sem produzir obra alguma e tentando transformar sua própria vida numa obra de arte. De qualquer forma, será que eu, se estivesse num hipotético incêndio, tentaria salvar um Duchamp? Pensei em duas obras que talvez valessem o esforço, "O Grande Vidro" e o "Nu Descendo a Escada". O "Nu", de 1912, é um quadro cubista, e eu não sou muito fã do cubismo (se fosse um Cézanne pré-cubista, já seria outra história).

"O Grande Vidro" tem o problema de ser, justamente, grande e de vidro - péssimo para transporte apressado em caso de incêndio. Os quadros que Duchamp pintou antes de 1912 são respeitáveis, mas só isso. E, quanto aos "ready-mades" (a roda de bicicleta, o urinol etc., que ele genialmente assinou e transformou em arte), o que importa é o ato, o conceito. Será que vou arriscar a vida por um urinol industrial, só porque ele foi assinado por Duchamp? Mesmo se o urinol fosse destruído, o ato de Duchamp não seria perdido; bastaria que alguém o relatasse e o interpretasse direito.

Nessa perspectiva, obras de arte conceitual ou de arte póvera, por exemplo, não valeriam o sacrifício de ninguém, nunca. Mas melhor não generalizar. (Nota. A pergunta é muito útil como quiz na hora de selecionar um casal: você encararia o incêndio para um Jackson Pollock? E para um Carpaccio?) O filme "Caçadores de Obras-Primas", de George Clooney, é baseado em três livros de Robert M. Edsel, "Caçadores de Obras-Primas, Salvando a Arte Ocidental da Pilhagem Nazista" (Rocco) e também "Saving Italy" e "Rescuing Da Vinci" (com uma copiosa documentação fotográfica).

Edsel conta a história dos "Monuments Men", mais de 300 homens e mulheres de diferentes países que, durante a Segunda Guerra Mundial, no teatro de operações europeu, foram encarregados de salvar o patrimônio cultural da destruição e do saque. Eram diretores de museus, curadores, historiadores da arte etc. A questão levantada pelo filme de Clooney não sai facilmente da cabeça: faz sentido colocar vidas humanas em perigo para salvar obras-primas?

Engraçado. Em geral, achamos aceitável morrer por dinheiro (muitos topariam correr riscos extremos numa grande caça ao tesouro). Também entendemos que alguém se sacrifique pelos princípios fundamentais nos quais ele acredita. E consideramos meritório morrer para salvar outras vidas. Mas para salvar uma obra de arte? O filme de Clooney, que apresenta um verdadeiro dilema moral, responde mais ou menos assim: as obras de arte do passado (longínquo ou não) nos representam e nos definem. Sobreviver não é suficiente, é preciso preservar o patrimônio que nos lembra quem somos.

Concordo, mas a questão é complexa. As grandes obras do nosso passado, o políptico dos Van Eyck em Ghent ou a madona de Michelangelo em Bruges, são patrimônio de nossa cultura. Ora, somos todos filhos dessa mesma cultura, tanto nós, que nos identificamos com a cavalaria dos aliados, quanto os outros, que tentaram destinar a Europa à barbárie totalitária. Os Van Eyck e Michelangelo são, em suma, antepassados de todos, de quem inventou os campos e de quem morreu neles: as obras são o passado de nossa civilização --e nossa civilização inclui nossa barbárie.

Outra complexidade vem do fato de que a ideia do valor insubstituível de cada vida humana é um achado recente. Até 200 anos atrás, havia pletora de coisas que pareciam valer mais do que a vida: a honra, a palavra dada, a fé... Por que não uma obra de arte?

Antes de negar com indignação, um teste. Você acha intolerável a troca de uma obra pela vida de um homem? Entendo. Mas imagine o pacto mágico seguinte: você poderia salvar da destruição "O Beijo", de Klimt, à condição de desejar que o pastor Feliciano contraia uma pneumonia grave. Sem hipocrisia, ok?

CONTARDO CALLIGARIS, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

O câncer de mama e o senso comum (LUIZ ANTONIO SANTINI E RONALDO SILVA)

"**CÂNCER** de mama: a chance de cura é de até 95% se a doença for descoberta cedo." Será mesmo? No Brasil, é improvável que alguém não tenha lido ou ouvido a frase acima em uma das dezenas de campanhas sobre o câncer de mama. Ela acabou por se transformar em senso comum. Neste texto, pretendemos esclarecer alguns conceitos e apresentar à população os possíveis problemas de se repetir, sem análise crítica, essa informação.

Cura significa a erradicação de todas as células cancerígenas e que o câncer nunca mais retornará. Remissão significa que os sinais e sintomas do câncer diminuíram ou desapareceram, mas não garante que todas as células foram erradicadas. No final do século 19, muitas pacientes com câncer de mama apresentavam-se com doença avançada no diagnóstico. O tempo médio de acompanhamento não superava o primeiro ano ou, no máximo, o quinto ano após o tratamento. Ao fim do século 20, tornou-se prática realizar o seguimento por períodos mais longos. Isso permitiu observar recidivas após cinco, dez ou 20 anos em mulheres antes consideradas curadas.

Países com registros de casos de câncer dispõem de dados de sobrevida. Na Inglaterra, a sobrevida em um e cinco anos para os cânceres de mama diagnosticados entre 2005 e 2009 é de 95,8% e 85,1%, respectivamente. Os dados de mulheres cuja doença foi descoberta "cedo" (estágio inicial) são diferentes. Nos Estados Unidos, entre 2003 e 2009, a sobrevida em cinco anos para tumores localizados foi 98,6%, para tumores localmente avançados 84,4% e para tumores metastáticos 24,3%.

Além do estágio do tumor, outros fatores estão relacionados com o prognóstico e a resposta ao tratamento, como o tipo de câncer, seu grau histológico e suas características genéticas e biológicas, mais a idade e as condições clínicas do paciente. Logo, o tamanho do tumor é apenas um dos elementos que determinam a sobrevida e a probabilidade de cura. A frase inicial deste artigo pode ser considerada uma meia verdade, uma vez que não foram esclarecidas questões como cura versus remissão, probabilidades (que dependem do contexto e da população estudada) e o descobrimento precoce (uma entre outras variáveis que interferem na sobrevida e na resposta ao tratamento).

A utilização de frases como essa em campanhas de incentivo à mamografia, em especial para mulheres com 40 anos ou mais, pode transmitir a falsa ideia de que todas as pacientes que fazem mamografia e descobrem um câncer estarão curadas. Isso não corresponde à realidade, uma vez que algumas mulheres que descobrem o câncer por meio de uma mamografia de rastreamento morrem da doença e muitas que descobrem por meio de sinais e sintomas permanecem vivas muitas décadas após o diagnóstico.

Vários pesquisadores acreditam que entre as milhares de mulheres que permanecem sem doença após tratarem um câncer de mama descoberto por uma mamografia de rastreamento (mulheres assintomáticas), menos de 10% tiveram suas vidas salvas pelo exame. Cerca de 60% permaneceriam sem evidência de doença caso fossem diagnosticadas aos primeiros sinais e sintomas da doença e uma parcela considerável - cerca de 30% - corresponderiam aos cânceres de mama que jamais se tornariam clinicamente aparentes se não fosse pela realização da mamografia de rastreamento ("overdiagnosis" em inglês).

Todas essas questões fogem ao senso comum e, por esse motivo, deveriam ser debatidas e publicizadas. A boa notícia é que os veículos de comunicação de massa (mídia impressa principalmente) já começam a dar sinais de abertura para essas questões.

LUIZ ANTONIO SANTINI, 67, é médico e diretor-geral do Inca (Instituto Nacional de Câncer). **RONALDO CORRÊA FERREIRA DA SILVA**, 50, é oncologista clínico do Inca. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

As novas condições do desenvolvimento (LUIZ GONZAGA BELLUZZO)

A abertura comercial com câmbio valorizado e juros altos suscitou o desaparecimento de elos das cadeias produtivas na indústria de transformação, com perda de valor agregado gerado no país. Para juntar ofensa à injúria, essa abertura afastou o Brasil do engajamento nas cadeias produtivas globais

O LE MONDE Diplomatique Brasil me concede generosamente a oportunidade de discorrer sobre o tema do desenvolvimento brasileiro, seus entraves e perspectivas. Vou concentrar a argumentação em uma das minhas obsessões: perda de posição da indústria brasileira de transformação no âmbito das reconfigurações do parque manufatureiro global. (Os velhos não escrevem, mas reescrevem ideias que já tiveram, se é que tive alguma.)

Na transição dos anos 1970 para os 1980, o Brasil afastou-se das tendências da indústria global, ou seja, deixou de incorporar os novos setores e, portanto, as novas tecnologias da chamada Terceira Revolução Industrial. Falamos da informática, da microeletrônica, da química fina e da farmacêutica.

No mesmo passo, a organização empresarial brasileira distanciou-se das novas formações empresariais que surgiam sobretudo nas vibrantes economias exportadoras asiáticas, impulsionadas por agressivas políticas industriais e de exportação de manufaturados. No final dos anos 1970, a produção e exportação de manufaturados brasileiros eram próximas ou superiores às de seus concorrentes asiáticos. Hoje esses países têm posições que são um múltiplo da produção e exportação brasileiras de manufaturados.

Nos anos 1980, a economia brasileira foi submetida à regressão industrial e econômica deflagrada pela crise da dívida externa e suas consequências fiscais e monetárias (enormes déficits fiscais e alta inflação com indexação generalizada). Nesse período, favorecidas pelas políticas liberais nos países desenvolvidos e pelas iniciativas domésticas de fortalecimento industrial e de exportação de manufaturados, as grandes empresas asiáticas, particularmente as coreanas, seguiram o exemplo japonês dos anos 1960 e 1970 e iniciaram uma escalada de internacionalização. Atualmente, essa estratégia é perseguida pelos chineses.



No entanto, não há como compreender a trajetória da economia brasileira nos últimos anos sem mencionar os equívocos de “visão” acolhidos pelas políticas econômicas. Tais distonias cognitivas nos levaram à regressão industrial. A relativa complexidade do fenômeno torna difícil sua compreensão e comunicação no debate público em razão da disseminação de simplificações midiáticas e da partidarização das posições em confronto.

Nos anos 1990, um novo ciclo de liquidez internacional ensejou a almejada estabilização do nível geral de preços. As classes conservadoras e conversadoras não aprendem e – ao contrário dos Bourbons – tampouco se lembram de coisa alguma. Diante da pletera de dólares, passaram a salivar com intensidade e patrocinar as visões mais grotescas a respeito das relações entre desenvolvimento econômico, abertura da economia e relações entre política fiscal e monetária. Aproveitaram a abundância de dólares para matar a inflação, mas permitiram a valorização do câmbio, sob a alegação primária (exportadora?) de que a liberalização do comércio e dos fluxos financeiros promoveria a alocação eficiente dos recursos. Nessa visão, os ganhos de produtividade decorrentes das mudanças no comportamento empresarial diante do câmbio valorizado seriam suficientes para dinamizar as exportações, atrair

investidores externos e deslançar um forte ciclo de acumulação. Mas, na vida real, a abertura comercial com câmbio valorizado e juros altos suscitou o desaparecimento de elos das cadeias produtivas na indústria de transformação, com perda de valor agregado gerado no país, decorrente da elevação dos coeficientes de importação – sem ganhos nas exportações – em cada uma das cadeias de produção. Para juntar ofensa à injúria, essa forma anacrônica de abertura afastou o Brasil do engajamento nas cadeias produtivas globais.

Com essa estratégia, o crescimento da economia brasileira foi pífio. O investimento estrangeiro buscou o agronegócio e os serviços, enquanto a construção de uma nova capacidade produtiva na manufatura deslocou-se para regiões mais atraentes, como a China, onde as políticas cambial e monetária favoreceram as iniciativas de política industrial e construíram o caminho para o rápido crescimento da exportação de manufaturados. Os dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) mostram que a China avançou velozmente na sua participação nas exportações mundiais. Suas vendas externas evoluíram de menos de 2% em 1998 para 10,4% em 2012. A China figura em primeiro lugar no ranking dos grandes exportadores, superando a Alemanha, o Japão e os Estados Unidos.

A partir de 2003, ainda à sombra de uma política monetária excessivamente conservadora, o país executou uma política fiscal prudente com queda das dívidas bruta e líquida como proporção do PIB. A acumulação de reservas construiu defesas para prevenir os efeitos de uma eventual crise de balanço de pagamentos. Isso foi proporcionado por uma conjuntura internacional excepcionalmente favorável que levou às alturas os preços das commodities.

Nesse ambiente benfazejo, a política econômica do governo Lula não corrigiu os enganos dos anos 1990, mantendo a taxa de juros e o câmbio fora do lugar. Criou-se uma situação do tipo “há bens que vêm para o mal”, ou seja, o câmbio valorizado era compensado pelos preços generosos dos produtos primários formados num mercado mundial superaquecido. Nas condições descritas, seria desejável buscar uma combinação câmbio-juro real mais estimulante para o avanço das exportações e para o investimento nos setores mais dinâmicos do comércio mundial. Esses seriam passos decisivos para a integração do país nos fluxos de exportação e importação exigidos pela nova configuração da indústria global.

Desde a década de 1980, o investimento das grandes empresas transnacionais nos mercados emergentes dinâmicos aumentou a participação dos fluxos de comércio intraempresas e intraindústrias. Nas decisões de investimento passou-se a buscar uma divisão do trabalho entre o core business da grande empresa e configurações mais eficientes para o suprimento de peças, partes e componentes para o abastecimento do mercado mundial.

É natural, portanto, que essas novas relações entre investimento e comércio exigissem uma maior flexibilidade na importação de insumos, componentes, partes e peças. De outro lado, essa abertura pura e simples às importações não seria suficiente como fator de atração do investimento externo, na ausência de um regime cambial e de incentivos favorável às exportações. A abundante literatura sobre o desenvolvimento das economias do Leste Asiático demonstra inequivocamente que a forte promoção de exportações antecedeu e combinou-se virtuosamente com a abertura comercial.

O equívoco dos proponentes da abertura comercial pura e dura começa quando atribuem à abertura da economia – independentemente da configuração de preços relativos entre tradeables e non tradeables – virtudes sobrenaturais e desconhecidas na literatura econômica relevante sobre o tema.

O Brasil encerrou os anos 1990 e atravessou a década seguinte com uma regressão da estrutura industrial, ou seja, não acompanhou o avanço e a diferenciação setorial da manufatura global e, ademais, perdeu competitividade e elos nas cadeias que conservou. Contrariamente ao afirmado pela vulgata neoliberal a respeito da globalização, o movimento de realocização manufatureira foi determinado por duas forças complementares: o movimento competitivo da grande empresa transnacional para ocupar espaços “competitivos” e as políticas nacionais dos Estados soberanos nas áreas receptoras.

A crise de 2008 acirrou a concorrência mundial à proporção que os mercados se contraíam. Isso deixou ainda mais patente a fragilidade da inserção externa da economia brasileira. Não por acaso, as medidas de incentivo tributário perdem eficácia, neutralizadas pelo pecado original da valorização da moeda. Isso, além de comprometer o crescimento, o equilíbrio fiscal e a conta-corrente do balanço de pagamentos, coloca pressão sobre a taxa de juros. Para quem tem um conhecimento elementar dos processos de industrialização e de expansão industrial das economias emergentes, a manutenção do câmbio sobrevalorizado ao longo de muitos anos é um erro crasso de política econômica que afeta negativamente a política fiscal e a monetária.

Após a estabilização dos anos 1990 e na sequência de uma década de proteção forçada pela crise cambial, era imprescindível e saudável proceder a uma abertura comercial gradualista, preservando-se uma taxa de câmbio estimulante às exportações. Na década de 1990, depois da estabilização, a antecipação precipitada do último estágio da reforma tarifária associou-se à apreciação nominal do câmbio para engendrar o fenômeno prodigioso da abertura com viés antiexportador.

Esse gesto teve graves consequências. Na prática conseguimos transformar um superávit comercial de US\$ 10 bilhões no final de 1994 em um déficit anualizado que alcançou US\$ 10 bilhões no primeiro trimestre de 1995. É lamentável que perdesse a identificação entre ganhos de produtividade e competitividade internacional. Além dos fatores sistêmicos favoráveis como câmbio adequado, custo de capital reduzido e infraestrutura eficiente, a competitividade depende de certas características da estrutura empresarial, particularmente da capacidade de inovação em empresas com estratégias agressivas de conquista de mercados ou da competência de redes de pequenas e médias empresas na ocupação de nichos de mercado.

É bastante reconhecida a necessidade da intervenção do Estado em processos que envolvam externalidades positivas e negativas, informação assimétrica, incerteza, risco elevado e concentração do poder econômico. Entre as externalidades positivas estão a construção de infraestrutura e outros bens públicos, como a geração de conhecimento científico e tecnológico. A existência de assimetria de informação afeta particularmente os mercados de crédito e de capitais e o mercado de câmbio, podendo dar origem não só à alocação ineficiente de crédito e à marginalização de pequenas empresas, bem como ensejar episódios especulativos. A incerteza, por sua vez, além de provocar volatilidade recorrente nos mercados de valores mobiliários, tem, por isso mesmo, efeitos adversos sobre o investimento produtivo, sobretudo aquele que envolve inovação. O risco elevado inibe operações de longo prazo de maturação.

As falhas de mercado até agora analisadas recomendariam apenas a adoção de políticas “horizontais” e minimalistas. As condições de concorrência nas áreas mais dinâmicas da moderna economia industrial impõem, no entanto, intervenções estratégicas e concebidas de forma a abranger cadeias industriais inteiras. Isso diz respeito às vantagens competitivas construídas pelas empresas em suas relações com fornecedores e clientes. O novo paradigma industrial vem acentuando sobremaneira a importância dessas vantagens. Entre elas devemos destacar: 1) processos cumulativos de aprendizado – learning by doing – na produção flexível, no desenvolvimento de produtos; 2) economias de escala dinâmicas (ganhos de volume associados ao tempo e ao aprendizado); 3) estruturação de redes eletrônicas de intercâmbio de dados que maximizam a eficiência ao longo das cadeias de agregação de valor (economia de capital de giro – sobretudo minimização de estoques, de custos de transporte e de armazenagem); 4) novas economias de aglomeração (centros de compras e de assistência técnica e formação de polos de conhecimentos técnicos e gerenciais); e 5) economias derivadas da cooperação tecnológica e do codesenvolvimento de produtos e processos.

A literatura relevante na área de estratégias empresariais (Porter, Drucker) ou no âmbito da economia industrial (Dosi, Freemann, Arcangeli, Zysmann, Tyson, Malerba) reconhece o caráter decisivo desses processos e, sem exceção, observa que conformam um padrão de concorrência radicalmente distinto do paradigma anterior. Este último era baseado em produção padronizada, tecnologia codificada, escalas rígidas, aversão à cooperação. Os autores, em sua maioria, assinalam que a coordenação do Estado foi muito importante para acelerar a mudança de paradigmas, particularmente nas economias que estavam em processo de industrialização rápida.

A nova concepção de políticas industriais ou de competitividade coloca no centro das preocupações a indução daquelas sinergias baseadas no conhecimento e na capacidade de resposta à informação. O novo papel do Estado deve estar concentrado na indução da cooperação, na coordenação dos atores e na redução da incerteza. Sua tarefa não é a de “escolher vencedores”, mas a de criar condições para que os vencedores apareçam.

LUIZ GONZAGA BELLUZZO é economista, professor da Unicamp e presidente do Conselho Curador da Empresa Brasil de Comunicação. Ilustração: Daniel Kondo. **Revista LE MONDE DIPLOMATIQUE, Março de 2014.**

A presidenta e o teleprompter (GREGÓRIO DUVIVIER)

Meus amigos e minhas amigas,
Graças ao esforço de todos os brasileiros e de todas as brasileiras, o Brasil termina o ano... O Brasil termina. O ano. O Brasil. (silêncio constrangedor) Gente, apagou o teleprompter.

Alguém sabe como é que conserta isso? Gleisi? Não? A Erenice sabia consertar essa joça. Alguém pode ligar pra ela? Deixa. Melhor não. Corta. Vamos chamar alguém pra consertar isso, depois a gente volta a gravar. Pode desligar. Tá esperando o quê?

Ah. Tá ao vivo? Sem problema. Posso falar de improviso. Eu adoro falar de improviso. Problema nenhum, gente. Calma, Gleisi. Eu sei lidar com improviso. Não precisa ficar nervosa. Deixa comigo. Eu sou brasileira. Eu tenho o improviso no sangue. Você não faz ideia da minha ginga. Querem ver? Vamos lá.

Bom. É. Bom. O Brasil é um país que.

Desculpa, gente. Me perdi. Onde é que eu estava? Ah, sim. Vamos lá. Graças ao brasileiro de todos os esforços. Merda. Ih, gente, desculpa pelo merda. Ih, gente, desculpa ter repetido a palavra merda. Merda. Outra vez. Vamos lá.

Graças ao esforço de todas as brasileiras e de todos os brasileiros. Urru! Consegui, porra! Chupa, Gleisi! Desculpa pelo porra. Desculpa pelo chupa. Corta. Não! Continua. Bom, deixa pra lá. Vamos lá. De onde eu parei? Ah sim. Graças a tudo isso que eu falei, o Brasil é um país. Mas não é qualquer país. O Brasil é um país que é muito brasileiro. Com muito esforço. Graças a Deus. E ao brasileiro. Precisa falar mais? Então vamos lá. O Brasil é um país que terminou o ano. Com muito esforço. Foi um ano de vitórias graças ao povo brasileiro.

Na medida em que foi um ano especialmente brasileiro no que se refere à brasilidade. Como? Não resta dúvidas de que, na medida em que o Brasil, no que se refere ao ano que terminou, deixou um legado. Por quê? Porque graças aos esforços de todas as brasileiras e de todos os brasileiros o Brasil é uma referência no que se refere ao ano de 2014. Na medida em que o Brasil termina o ano ainda mais brasileiro graças aos esforços dos brasileiros no que se refere a ser uma referência internacional de brasilidade. E ponto final.

Pronto? Acabou o tempo? Ufa. Agora, pelo amor de Deus. Alguém conserta esse teleprompter. A vida sem isso é muito complicada. Hoje à tarde eu preciso comprar pão e não vou saber o que dizer.

GREGÓRIO DUVIVIER é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Março de 2014.**

Ode à ostentação (RENATO BARREIROS)

São Paulo exportou as letras de funk que idolatram o consumo e dão voz a um sentimento da sociedade e dos jovens na periferia



Jé Bolado e os Dig Dins em 2008 no 1º Festival de Funk da Cidade Tiradentes, berço do ostentação

UM DOS assuntos que mais repercutiram e geraram debates no início de 2014 foi os do chamados “rolezinhos”, que chamaram a atenção pela quantidade de jovens mobilizados pelas redes sociais em pouquíssimo tempo. Os motivos para se reunirem são os mesmos que por muito tempo permearam gerações: namorar, conhecer outras pessoas, encontrar os amigos etc.

Tratados inicialmente como ameaça pelos administradores de shopping centers, aos poucos foram sendo desmitificados e agora os lojistas já enxergam nos “rolezinhos” um potencial de consumo. Os eventos noticiados foram antes de tudo uma descoberta para a classe A de São Paulo de uma nova juventude da periferia inserida no capitalismo e com poder de consumo. Nada mais natural que quisessem mostrar a melhora de vida conquistada e os pequenos luxos recentemente adquiridos, algo tão distante da realidade de seus pais e avós. Assim, a “trilha sonora” escolhida para celebrar esses encontros foi o “funk ostentação”, uma criação paulistana nascida no distrito de Cidade Tiradentes, extremo leste da capital e um dos maiores conjuntos habitacionais da América Latina. O funk já é a música preferida da juventude que mora na periferia de São Paulo há algum tempo – mais exatamente desde 2007, quando os hits ainda eram “importados” da Baixada Santista e do Rio de Janeiro.

Em 2008, quando cheguei à Cidade Tiradentes como subprefeito, queria fazer um trabalho com a juventude que lá vivia. Na adolescência eu havia sido cantor em um grupo de rock e organizei festivais, influências que me ajudariam a reunir os grupos de música locais e organizar uma apresentação em praça pública, com ótima estrutura e divulgação. O show de rock foi um fiasco pela expectativa que tínhamos. Esperávamos 2 mil jovens e compareceram perto de cem. Nas visitas aos centros sociais, descobri que o ritmo escolhido por eles era o funk, disseminado pela internet e compartilhado via Bluetooth pelos telefones celulares.

As letras desses funks vindos do Rio de Janeiro e da Baixada Santista eram assustadoras: o que predominava era o chamado “proibidão”, com suas mensagens que vangloriavam façções criminosas. Uma das músicas mais populares à época era interpretada pelo MC Keke e seu refrão, um hino cantado por nove entre dez jovens da Cidade Tiradentes: “Cinco dias de terror o Brasil, o Brasil parou pra ver, quem manda, quem manda? Quem manda é o PCC!” Conheci então alguns funkeiros que organizavam bailes e propus organizar um festival de funk com regras claras: as letras não poderiam conter apologia ao crime, às drogas e também não poderia haver linguagem sexual explícita. Para minha surpresa, eles toparam na hora. O festival contagiou a Cidade Tiradentes com mais de 50 inscritos e no dia fomos surpreendidos por um público de 30 mil pessoas! O vencedor, o hoje superstar do funk ostentação MC Dede, ganhou com uma música intitulada Respeitar Sua Mãe, Jogar Bola e Estudar!

O sucesso do festival gerou uma grande expectativa entre a juventude de como a subprefeitura poderia absorver as demandas deles, e nesse processo, entre outras iniciativas, surgiu um estúdio de música público para que os artistas pudessem gravar de maneira gratuita. As iniciativas receberam diversas críticas, dentro da própria prefeitura, por quem pouco ou nada conhecia da vida desses jovens. O fato é que, com o Estado ausente ou repressor, esse espaço era ocupado por “formas de financiamento pouco transparentes”, o que resultava em “salves” para alguns nomes ligados às atividades ilícitas. Tal percepção foi aguçada quando me deparei com o texto do antropólogo Hermano Vianna, sobre como o poder público do Rio de Janeiro expulsou os bailes funk dos clubes que ficavam no asfalto, empurrando-o para dentro das favelas dominadas pelas façções criminosas e com isso criou o “proibidão”, que estourou vários hits de apologia de crime entre a juventude das comunidades por mais de 15 anos.

Em São Paulo, foi nesse ambiente de diálogo com a subprefeitura que surgiu o funk ostentação. Uma vez que o “proibidão” havia sido abolido dos principais e mais concorridos eventos do bairro, os meninos começaram a pensar e observar outras coisas que estavam acontecendo ao seu redor, entre elas a melhora no poder de consumo e a aquisição de alguns poucos produtos de luxo – na maioria das vezes comprados em parcelas. A primeira música de funk ostentação nasceu no fim de 2008, Bonde da Juju, de Backdi e Bio G3, que não era dedicada a nenhuma Juliana, mas ao modelo de óculos Juliet, da Oakley.

A música é uma transição do “proibidão” para o ostentação, conforme mostra o refrão: “E o Bonde da Juju, porque água de bandido é uísque e Red Bull”. Essa deve ter sido a música mais tocada na cidade de São Paulo no ano de 2009! No funk ostentação são expostos não somente os artigos consumidos pelos filhos da nova classe C, mas também seus sonhos de consumo. Os “troféus” de quem triunfa no capitalismo são cantados, como os automóveis Camaro, Ferrari e outros que dificilmente poderão ser consumidos, mas que permanecem no imaginário de quem com esforço e dedicação quer chegar mais alto na pirâmide social.

A tendência da ostentação propagou-se pelo Brasil. Em 2013, o maior hit do funk carioca descrevia a “festa de milionário” de um Bigode Grosso alguém muito rico. O sertanejo assumiu a ostentação de peito aberto, o maior hit do gênero no ano passado foi o Camaro Amarelo. A música, como parte da cultura, reflete um momento, um sentimento da sociedade e essa geração de jovens quer escutar músicas que exaltem seus sonhos de consumo ou falem dos pequenos luxos conquistados. A publicidade, por sua vez, os bombardeia com mensagens que pregam a felicidade aliada ao consumo. Condená-los por ouvirem funk ostentação e pelo fetiche do consumo de produtos caros é hipocrisia.

RENATO BARREIROS foi subprefeito em Cidade Tiradentes e dirigiu o documentário *Funk Ostentação*. **Revista CARTA NA ESCOLA, Março de 2014.**

Os jovens estão mais e mais precoces na iniciação, mas cada vez menos aptos para responder por esse engajamento (CARMITA ABDO)



Michael Bader/Corbis/Latinstock

A INICIAÇÃO sexual está ocorrendo cada vez mais cedo, enquanto uniões estáveis vêm sendo assumidas a partir da terceira década da vida. Conseqüentemente, múltiplas parcerias (simultâneas ou sucessivas) são habituais na vida sexual dos adolescentes. Alternativas que favoreçam o sexo responsável, porém, não têm acompanhado tal evolução.

A situação é, historicamente, bem diversa da desejável. No fim dos anos 1990, a chamada gravidez precoce resultava na primeira causa de internação de jovens entre 14 e 19 anos, em hospitais do Sistema Único de Saúde (SUS), por ocasião dos respectivos partos. Tal era a gravidade dessa situação que a sexta causa de internação no SUS de meninas nessa mesma faixa etária se devia a motivações externas à saúde física, entre as quais a tentativa de suicídio. Essa dura realidade ainda assombra a vida das nossas adolescentes.

Some-se a isso que o abuso sexual na infância é bem mais frequente do que se supõe, condicionando crianças e adolescentes à extrema falta de autoestima, dissociação do pensamento, autodestrutividade associada ao comportamento - sexual de risco ou negação e recusa do contato sexual na vida adulta. No Brasil, a iniciação sexual ocorre, atualmente, por volta dos 15 anos, com margem de dois anos para mais ou para menos (entre 13 e 17 anos de idade), tanto para meninos quanto para meninas. Em contrapartida, com jovens entre 18 e 25 anos, apenas 40% das mulheres e metade dos homens referem o uso de preservativo em todas as relações sexuais. Nas faixas etárias maiores esses índices são ainda mais baixos, mesmo entre solteiros e separados. Esses números denunciam a falta de padrão de uso adequado do preservativo no Brasil, em todas as faixas etárias. O desequilíbrio entre o incremento da prática sexual e a precária prevenção de sexo de risco faz crer em desinformação sobre o assunto. Entretanto, conforme atesta trabalho realizado entre 1997 e 2001 pelo Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex), do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o nível de informação é, de longa data, bastante satisfatório nesse quesito (97,5% conhecem e sabem a função do preservativo), mas dissociado da prática de sexo protegido.

Persiste o mito de que a educação sexual não soluciona, mas incentiva a experimentação ou aumenta a chance de atividade sexual precoce, apesar de não haver evidência que comprove essa ideia, segundo revisão feita pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em mais de mil artigos sobre programas dessa natureza. Estudo recente do Hospital da Criança de Cincinnati, nos EUA, demonstrou que, ao contrário do que muitos pais temiam, a vacina contra HPV (papilomavírus humano) não alterou o comportamento sexual das adolescentes. Ou seja, essa imunização não fez com que elas praticassem mais sexo desprotegido nem que passassem a fazer sexo com maior frequência. Vale lembrar que é cada vez mais habitual a precocidade com que crianças se tornam púberes, em todo o mundo. A maior exposição desses jovens a estímulos diversos (e não exclusivamente sexuais) explicaria, pelo menos em parte, essa crescente precocidade.

Segundo estudos americanos, adolescentes de raça negra e hispânicos se expõem mais à mídia, apresentando maior prevalência de iniciação sexual precoce, doenças sexualmente transmissíveis (DST) e gravidez, quando comparados aos brancos e asiáticos. No entanto, ainda não foi possível distinguir o que é causa e o que é efeito: maior exposição desencadearia os eventos sexuais ou, ao contrário, maior interesse sexual prévio favoreceria a exposição? A infância perdeu em ingenuidade o quanto adquiriu em possibilidade de acesso ao conhecimento, o que se pode avaliar pelo apego e domínio dos assuntos de informática. A mesma informática a que se pode atribuir parte da desaceleração com que o adolescente de hoje evolui emocionalmente, em razão de estar menos estimulado pela imprevisibilidade dos relacionamentos interpessoais e mais motivado pelos softwares que obedecem incontestes a um comando digital.

Temos assistido, então, à adolescência prolongada, como medida de autopreservação contra um mundo em impressionante transformação. É nesse contexto que adolescentes precoces se transformam em adultos tardios, em nome de um maior "preparo" para as adversidades, condição que os próprios adolescentes se permitem e seus pais acatam. A iniciação sexual é um excelente parâmetro que ilustra esse paradoxo de "início precoce de sustentabilidade protelada": cada vez mais cedo se engajam em atividades sexuais e cada vez mais tarde estão aptos a responder integralmente por esse engajamento.

Tentando erraticamente modificar esse panorama, campanhas pela abstinência sexual foram prioridade no governo Bush e se consagraram por *True Love Waits* (Amor Verdadeiro Espera), *Pure Love Alliance* (Aliança do Amor Puro) e *Silver Ring Thing* (Anel de Prata), entre outros movimentos, para os quais foram investidas centenas de milhões de dólares ao ano, em meados da década passada. O professor de sociologia Mark Regnerus salienta que os objetivos práticos subjacentes dessa campanha, a qual teve alguma repercussão no Brasil, não foram alcançados: evitar gravidez precoce e DST. Esses, entretanto, não são os únicos ou mais importantes problemas que a educação sexual deve encarar. Há quase duas décadas foi publicado um estudo comparativo entre universitárias que sofreram e que não sofreram abuso sexual na infância. Observou-se que as abusadas tinham mais atitudes negativas em relação ao sexo, menor uso de contraceptivos e menos recusa de sexo não desejado, menos prevenção de DSTs, mais negligência do parceiro quanto ao sexo seguro, mais vitimização sexual na vida adulta e mais uso de substâncias psicoativas.

Especialistas reconhecem que é fundamental antecipar e ampliar o conhecimento da sexualidade para se conseguir prática sexual consciente e saudável, antes que o exercício de "tentativa e erro" se imponha. Ora, não é possível preparar quem quer que seja para a iniciação sexual, sem instrumentalizá-lo para a vida, como um todo. Essa preparação não se restringe a fornecer informações sobre biologia, anatomia, reprodução, sexo seguro, sexo de risco, DST. Aos adultos cabe trabalharem para transmitir, desde cedo, o que o computador ou o amigo mais próximo não estão capacitados. Não exatamente um modelo de desempenho em que o jovem se espelhe, mas a valorização da ética, do bom senso e da responsabilidade, na qual o jovem se inspire. Proximidade saudável que gera resultado.

CARMITA ABDO é psiquiatra, livre-docente e professora da Faculdade de Medicina da USP. Fundadora e coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Hospital das Clínicas de São Paulo. **Revista CARTA NA ESCOLA, Março de 2014.**

Lucas Rocha